

ESPÍRITO IMORTAL

# A TRAGÉDIA DE SANTA MARIA

---

SOB A ÓTICA DO ESPIRITISMO

**Morel Felipe Wilkon**

**Fevereiro de 2013**

Estudo da hipótese de resgate coletivo embasado em obras consagradas da Literatura Espírita

As páginas que seguem procuram elucidar o entendimento dos mecanismos que regem acontecimentos como a tragédia de Santa Maria. Oferecem uma visão espírita que, se não convence o descrente, pelo menos faz pensar quem se interroga em busca de respostas.

Nada há de novo nessas páginas. É pouco mais que uma compilação de trechos de livros que tratam do assunto “resgates coletivos”, pois esta é a hipótese que sustento para o que aconteceu. Não se trata de especulações infundadas sobre possíveis origens cármicas da tragédia nem opiniões definitivas sobre o assunto.

Tomei a iniciativa de empreender esta tarefa movido pela necessidade de oferecer respostas aos milhares de leitores que acessaram meu [site www.espiritoimortal.com.br](http://www.espiritoimortal.com.br) em busca de uma explicação. Na sede de fornecer respostas, de dirimir dúvidas, de esclarecer e consolar, corremos o risco de atropelar a Doutrina e propor soluções apressadas. Percebi, então, que o caso exigia respostas embasadas em obras consagradas.

O tema é espinhoso e requer tanto mais cuidado quanto mais é recente. Afinal, não estamos lidando meramente com teorias espíritas, mas com a memória de mais de duas centenas de jovens que deixaram o Plano Físico de maneira abrupta e incomum, o que deixa atrás de si um rastro de dor para os seus próximos que ficaram.

O espírita experimentado nos estudos não vai encontrar nada, neste pequeno trabalho, que já não tenha lido antes. Se não for pelo interesse em rever o assunto, talvez estas páginas não sejam o melhor investimento para o seu tempo e atenção.

Aquele que desconhece por completo o Espiritismo, que encontrou neste trabalho um possível meio de compreender a visão espírita para a tragédia de Santa Maria, pode ser prejudicado por seu despreparo em relação ao tema. Embora utilize linguagem acessível e sem rebuscamentos literários, ao inexperiente no assunto pode faltar uma base que o permita entender conceitos que são pilares do Pensamento Espírita.

Por outro lado, uns e outros, entendedores e não entendedores, certamente concordarão com a máxima que resume tudo o vai escrito mais adiante: “Não há efeito sem causa”.

Boa leitura!

O Espiritismo não é seguido apenas por espíritas. Pessoas das mais variadas denominações religiosas simpatizam com o Espiritismo e nele buscam explicações quando algo extraordinário afeta suas vidas.

Quando uma tragédia emociona e sensibiliza essas pessoas, elas acorrem ao Espiritismo em busca de explicações, já que suas crenças tradicionais não as convencem e a ciência materialista é impotente para lidar com as grandes crises humanas.

No dia 7 de Fevereiro de 2007, quando o menino João Helio, preso pelo cinto de segurança, foi arrastado até à morte pelo veículo roubado pelos assaltantes, o país ficou chocado. Não tardou a aparecerem várias versões supostamente embasadas pelo Espiritismo, dando explicações para a ocorrência de tal fato. A versão mais popular dava conta de que o menino havia sido um importante militar romano que se satisfazia em arrastar prisioneiros amarrados em sua biga. A tragédia que aconteceu seria a Justiça Divina alcançando o algoz de outrora.

Cito este caso por ser emblemático. Mas cada vez que ocorre uma catástrofe, um acidente de grandes proporções, uma tragédia, chovem versões sobre a origem cármica de tal acontecimento. Com a tragédia de Santa Maria não poderia ser diferente. Uma tragédia com todos os ingredientes para chocar e exigir respostas. Muitas vítimas. Vítimas jovens e com perfis semelhantes. Características que chamam a atenção para fatos ocorridos na História recente.

Meu contato com essa tragédia começou no dia 11 de Janeiro quando tive um sonho que poderia ter passado despercebido. Um sonho aparentemente sem nexos, como a maioria dos sonhos. Às vezes tenho projeções conscientes, situação em que mantenho ou adquire lucidez em meio ao sonho. Mas neste sonho eu não estava consciente, era apenas mais um sonho.

Sonhei que havia um pavilhão que seria implodido, em caráter oficial. Havia fumaça lá dentro, e a presidente Dilma iria detonar os explosivos. Estranhei muito, no sonho, que as pessoas não saíam lá de dentro. Anotei o sonho, sem atenção, sem detalhes, por achá-lo banal. Só anotei para manter o costume, já que tenho um caderno específico para este fim.

Na noite da tragédia, sonhei que conversava com uma colega de Santa Maria, com a qual eu não tenho a menor intimidade, embora tenhamos tomado posse juntos. Eu explicava a ela sobre um artigo que escrevi no dia 8 de Janeiro e publiquei em áudio no Youtube no dia 15 ( [http://www.youtube.com/watch?v=CD7canO\\_Tl0](http://www.youtube.com/watch?v=CD7canO_Tl0) ). O artigo se chama “Espiritismo e televisão” e o transcrevo a seguir:

Você já foi a um estádio de futebol? Você já assistiu a uma partida razoavelmente importante? Então você já ouviu o canto, a manifestação da torcida. São milhares de pessoas, homens e mulheres, de todas as idades. Cada um com uma voz diferente. Volume, tom, timbre, cada voz com suas particularidades. Mas a voz da torcida é uma só. As vozes de todos, somadas, formam uma voz única, que é a voz da torcida.

O mesmo fenômeno acontece com os nossos pensamentos. Somos muitos bilhões de espíritos encarnados e desencarnados estagiando neste Planeta. Cada um com um nível moral e intelectual diferente. Cada qual com seus conhecimentos e experiências. Ninguém pensa exatamente igual a ninguém. Mas a soma dos pensamentos de todos forma uma coisa só, uma espécie de massa psíquica que envolve a Terra.

Num jogo de futebol a torcida está unida em torno de um objetivo: Vencer a partida. Todos querem o mesmo, suas vozes se unem num mesmo canto, num mesmo grito.

Os meios de comunicação tem o poder de unir milhões de pessoas ao mesmo tempo em torno de uma ideia, de um fato, de um acontecimento. O que você acha que acontece quando a televisão fica transmitindo e acompanhando incessantemente uma tragédia? Televisão adora tragédias, nada prende tanto a audiência como uma tragédia escandalosa e sangrenta.

Você costuma acompanhar essas tragédias televisivas? Estupros, sequestros, crimes passionais, catástrofes e grandes acidentes? Você é do tipo que fica lamentando por não haver pena de morte para determinados criminosos? Você acompanha passo a passo as investigações, os detalhes sórdidos, os depoimentos desesperados?

Saiba que a sua atenção contribui para o desfecho do caso. Você se une a milhões de outras pessoas com pensamentos semelhantes aos seus, e a soma desses pensamentos interfere diretamente no andamento do fato. O sentimento propaga energia que alimenta a massa psíquica que esteja na mesma sintonia. A raiva e a tristeza que você emite, somados a outros milhões de sentimentos semelhantes, induz e estimula comportamentos coletivos.

Você é responsável pelos seus pensamentos. Pela Lei de atração, os pensamentos semelhantes se agrupam, e você tende a atrair pra você mais e mais pensamentos de mesma sintonia. Você sabe que tudo começa com o pensamento, ele é o ponto de partida de tudo o que existe. Não podemos menosprezar a sua importância.

O que você ganha acompanhando as tragédias televisivas? O que a televisão tem lhe oferecido de útil e construtivo? Você já percebeu como as pessoas andam assustadas e distantes da realidade espiritual? Você já se deu conta da irresponsabilidade que é acompanhar um sequestro em tempo real, irradiando pensamentos de medo e angústia? Você acha que o seu pensamento não tem nenhuma influência sobre o desfecho do caso?

A mesma coisa acontece quando ocorre uma catástrofe ou um acidente de grandes proporções. Você fica acompanhando o trabalho de resgate e o sofrimento das vítimas? Se você se sente de alguma forma envolvido no caso, por empatia ou compaixão, ore pelas pessoas, emita pensamentos positivos e pacificadores, peça mentalmente que as pessoas que estão desencarnando nessas condições consigam perceber o seu novo estado, que se conformem com sua nova situação, que sejam bem recebidas no outro plano e que se adaptem o mais facilmente possível. Mas não fique alimentando a massa psíquica de angústia e dor.

Se você já presenciou um acidente de trânsito, por exemplo, você sabe que os curiosos só atrapalham. Dificultam o salvamento, incomodam quem está com a vítima, tornam o ambiente tenso e pesado. Acompanhar à distância, pela televisão, também atrapalha. Você acha que a massa psíquica gerada pelos sentimentos negativos não atrapalha os espíritos desencarnados que trabalham no caso?

As pessoas cada vez mais sentem medo. Na maior parte das vezes, esse medo é injustificado. São pessoas que se deixam influenciar pelos noticiários sangrentos, são pessoas que acreditam que o crime as está rondando, que ao menor descuido uma tragédia pode acontecer. Hoje é comum que pessoas sejam diagnosticadas com o transtorno do pânico. Os especialistas dizem que há relatos de sintomas que remontam à Antiguidade, mas é inegável que se trata de uma doença moderna, como a depressão. Será que a massificação das tragédias proporcionada pela televisão não tem nada a ver com o crescimento dessa doença?

Não perca o seu precioso tempo em frente à televisão. Não aceite o que eles querem que você acredite que seja a verdade. Pense por você mesmo, analise por você mesmo. A vida não é o que eles mostram. Não vivemos num mar de rosas. Mas a cada um de nós basta o que a vida real tem a oferecer todos os dias. Ninguém precisa de mais problemas, de crimes e tragédias. Você trabalha em sua reforma íntima? Então está na hora de tentar controlar os seus pensamentos. E com a televisão ligada pode não ser muito fácil...

Quando despertei, no dia da tragédia, tinha na lembrança o sonho em que havia falado sobre este artigo, achei tudo muito inusitado e, excepcionalmente, procurei na internet um site de notícias. Há quase dois anos que eu não assistia televisão e não acompanhava noticiários. Abrindo o site, a primeira manchete com que me deparei foi sobre Santa Maria...

Não vejo nada de excepcional nos sonhos que tive; isso é muito mais comum do que se pensa e sua utilidade prática é mínima. Conto isso apenas para ilustrar que recebi centenas de relatos semelhantes, a maioria em caráter privado. Em razão do meu trabalho no site [www.espiritoimortal.com.br](http://www.espiritoimortal.com.br) as pessoas acharam em mim alguém que poderia acreditar, compreender e talvez explicar a elas o que estava se passando.

O fato de tanta gente ter sonhado, de tantas pessoas pressentirem, mesmo que de forma sutil, que alguma coisa de diferente estava no ar, demonstra que tudo estava planejado, programado, encaminhado, prestes a acontecer.

A par dos relatos de sonhos, projeções e pressentimentos, começaram a surgir teorias e supostas mensagens psicografadas por vítimas do incêndio ou por outros espíritos de alguma forma ligados ao caso. É preciso muita prudência em momentos de comoção como este. Não acho que haja alguém mal intencionado, buscando notoriedade em cima da credulidade alheia. Mas mediunidade é algo que exige cautela. Muitos médiuns podem ser ludibriados por espíritos menos esclarecidos. A comoção geral, a nuvem de tristeza e desalento, a curiosidade, muitos fatores podem contribuir para que o médium, mesmo experiente, seja vítima do momento dramático. Até Chico Xavier já foi vítima de enganos. De todas as mensagens de que tive conhecimento, selecionei apenas uma, por sua simplicidade e seriedade. Mensagem mediúnica recebida em 29 de Janeiro de 2013, Nossa Casa, Grupo Libertação:

**Finalmente pude me manifestar, chegar até aqui para contar o que aconteceu e pedir ajuda. Mas não ajuda no sentido de "me ajude", ajuda para vocês, que continuam aqui encarnados, auxiliar os que ficaram a entender, acalmar e serenar. Quero relatar o que vivi.**

**Estávamos todos, ali, nos "divertindo" (sim, achávamos que era diversão), mas ao mesmo tempo, agora conversando com os amigos, percebo que não era a única a sentir isso, com a sensação de que algo estranho, diferente, aconteceria naquela noite. Como se nós tivéssemos recebido um convite especial, único, pessoal e intransferível, para estarmos todos reunidos, naquela hora e local.**

Logo que a correria começou, senti um calor forte, seguido de uma tontura. Pronto! Isso foi tudo que senti. Em poucos minutos, me vi acordando, num "plano" um pouco acima de onde estava, onde avistei uma equipe imensa, muito grande. Era um batalhão de médicos, paramédicos, ambulâncias, pessoas que vinham conversar conosco, nos explicar o que acontecia. Imagino que eram psicólogos, não sei, que nos sinalizavam uma espécie de ônibus, grandes, bonitos, um pouco diferentes dos que utilizávamos aí, mas que segundo a explicação que nos era passada, nos levaria até o local de auxílio e atendimento, e posteriormente, onde nos seriam dadas instruções. Seguimos, eu e meus amigos, colegas, conversando, trocando uma ideia, e todos relataram a mesma coisa.

Que não sentiram dor alguma e naquela noite sabiam que algo diferente estava para acontecer. Em nenhum momento, vi algum amigo ou colega relatando dor, sofrimento, revolta. A única preocupação era com os que ficavam, como seria, como receberiam a notícia e como reagiriam. Pra nossa tristeza, no momento em que pensamos nisso, uma grande tela se abriu e pudemos ver, então, o desespero, a dor e incompreensão dos que ficaram. Eu vim aqui hoje pra pedir, muito encarecidamente, que vocês nos ajudem.

Não queremos revoltas, brigas, guerras judiciais ou protestos de qualquer origem. Queremos paz. Queremos poder seguir a caminhada que nos propusemos, podendo fazer com paz, aquilo que viemos fazer, aquilo que nos propusemos. Tudo já estava planejado, como disse anteriormente. A organização que nos recebeu não era coisa de amador, não era coisa de quem não sabia o que vinha nem como. Era coisa de gente que tava preparada, só nos esperando.

Ainda não nos passaram novas instruções e ainda falta gente pra chegar, segundo o que ouvi agora. Mas de uma coisa temos certeza: A obra será grande. Teremos uma grande missão e não poderia acontecer se não fosse juntos, todos nós que viemos e ainda os que virão pra cá, juntos. Aos poucos vão nos mostrando uma espécie de slide, um filme, onde reconhecemos alguns colegas, com formas e roupas diferentes, em época também diferente e entendemos como e por que agora estamos aqui. É tudo tão, mas tão perfeito, que vocês não tem ideia! E eu que era tão descrente...

Bom, estão me chamando, dizendo que meu tempo se esgotou. Espero poder trazer mais notícias, num futuro ali adiante, pra que vocês entendam o porquê e pra que deste evento. Sim, aqui chamamos de evento. Agradeço o espaço, a paciência, o amor com que me recebem.

Até breve,

Uma Soldada em missão.

Fomos criados simples e ignorantes. Em algum momento do nosso passado milenar, tomamos consciência de nós mesmos. Com isso nasceu o livre-arbítrio – a capacidade de escolha, o poder de opção entre o Bem e o Mal, entre o caminho reto das Leis de Deus e o caminho cheio de curvas fora das Leis de Deus. O Antigo Testamento retrata esse instante com a alegoria do fruto da Árvore do Bem e do Mal. (Gênesis 2:9, 16, 17; 3:1-24)

Não somos os únicos seres conscientes do Universo, pelo contrário. Habitamos um planeta insignificante frente à imensidão do Espaço. Existe vida inteligente em todo o Universo. Pesquisadores da NASA, baseados em informações do telescópio espacial Kepler, filtraram os dados obtidos pelo telescópio e concentraram sua atenção apenas nos planetas do mesmo tamanho que a Terra em zonas de habitabilidade das estrelas observadas. Essas zonas de habitabilidade são aquelas que apresentam órbitas onde a água líquida possa existir na superfície dos mundos.

Chegaram à conclusão de que de 1,4 a 2,7% de todas as estrelas parecidas com o Sol devem ter planetas semelhantes à Terra. Isso significa dois bilhões de planetas semelhantes à Terra em nossa galáxia. E isso só na nossa galáxia. Há 50 bilhões de outras galáxias, segundo os cálculos mais recentes.

Foram precisos muitos milênios de experiência para nos separar da animalidade. Foram necessárias inúmeras reencarnações para adquirirmos um pouco de conhecimento de nós mesmos, para desenvolvermos uma inteligência rudimentar capaz de sobrepujar, paulatinamente, os instintos.

Toda a História da nossa humanidade terrestre foi escrita por nós. Todos os grandes e pequenos acontecimentos da História foram protagonizados por mim, por você e por espíritos como eu e você.

Estivemos entre os povos da Antiguidade, no esforço de implantar a civilização e estabelecer códigos de conduta, numa tentativa primária de guiar a humanidade em sua infância espiritual, de acordo com os desígnios das Leis de Deus, Leis cósmicas eternas e imutáveis. Promovemos cultos e sacrifícios a falsos deuses numa visão politeísta em que prevalecia e se desenvolvia o nosso orgulho e egoísmo, à medida que atribuíamos aos nossos deuses nossas próprias fraquezas morais e misérias humanas. Desenvolvemos nosso livre-arbítrio quando fizemos escolhas sobre nossas vidas e quando interferimos nas vidas de outros espíritos iguais a nós em muitas civilizações que nasceram, cresceram, atingiram seu apogeu e declinaram até desaparecer, tal qual o homem encarnado, o homem físico. Mas as civilizações e os

povos, assim como os homens, desaparecem para reaparecerem mais tarde, mais experientes, mais aperfeiçoados, mais próximos do ideal.

Em determinado momento de nossa trajetória milenar, descobrimos o Deus único, causa primária de todas as coisas, creador increado. Tivemos oportunidade, mais tarde, de conhecer a Lei de Amor por intermédio de Jesus Cristo, espírito mais evoluído que já pisou na Terra.

Jesus nos deixou uma cartilha contendo os preceitos básicos das Leis de Deus que prometem a felicidade já tão sonhada pelo homem. Quando aprendêssemos, assimilássemos e colocássemos em prática os ensinamentos dessa cartilha, ela não seria mais cartilha, seria um guia valioso a nos apontar caminhos, a nos descortinar verdades ignoradas sobre nossa verdadeira origem de filhos de Deus e sobre nosso destino de progresso em busca do retorno a esse mesmo Deus Pai Creador. Se chegássemos a essa compreensão, a antiga cartilha evoluiria para livro iniciático nos mistérios do Universo, de suas Leis eternas e imutáveis. Jesus nos deixou essa cartilha, chamada Evangelho, guia prático e seguro, que teimamos em não seguir.

Viciados em milênios de busca de felicidade nos prazeres materiais herdados da animalidade, deixamos que o orgulho e o egoísmo se enraizassem dentro de nós, tapando nossos olhos e nossos ouvidos às verdades cósmicas ensinadas com amor por nosso irmão mais velho Jesus Cristo.

O orgulho e o egoísmo nos acompanharam nos circos romanos, quando nos divertíamos assistindo gladiadores lutarem até a morte e observando com curiosidade e prazer os primeiros cristãos serem devorados vivos pelas feras.

O orgulho e o egoísmo foram nossos companheiros inseparáveis quando fomos magos e bruxas e praticamos rituais macabros em busca de poder, já que a felicidade parecia muito difícil de ser alcançada. Também nos acompanharam na Inquisição, nas perseguições e condenações à morte na fogueira de pessoas acusadas de prática de magia e bruxaria, fosse ou não fosse verdade. Fizemos Guerras Santas, instigados pelo orgulho e o egoísmo, promovemos as Cruzadas, escrevendo uma História de inimizade entre dois povos, entre duas religiões, entre duas correntes de pensamento que fundamentalmente buscam a mesma coisa e seguem o mesmo Deus. O convívio entre cristãos e muçulmanos foi profundamente abalado e dificultadas quaisquer tentativas de entendimento.

Depois de mais de mil anos de cristianismo deturpado e transformado em poder temporal, monopolizando o conhecimento e a verdade, recomeçamos a pensar

novamente, abrindo novas perspectivas iluministas, descortinando antigos horizontes novos, buscando verdades encobertas pela poeira dos mosteiros.

Ansiamos por liberdade, percebemos o valor individual, redescobrimos e estabelecemos que todos tínhamos os mesmos direitos e deveres. Mas, ainda eivados de orgulho e egoísmo, incorremos em exageros e perseguições, fazendo correr rios de sangue nas guilhotinas.

A essas alturas, novos continentes haviam sido descobertos, inclusive uma vasta região que viria a ser batizada de Brasil. Esta região mais tarde recebeu com alegria uma nova Corrente de Pensamento originada da França, centro cultural do mundo à época. Misto de ciência, filosofia e religião, essa Corrente de Pensamento chamada Espiritismo encontrou solo fértil em meio à miscigenação e ao sincretismo religioso vigente.

O Espiritismo, codificado pelo professor francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais tarde chamado Allan Kardec, veio revelar Leis cósmicas que até então eram mistérios, veio derrubar mitos e consolidar verdades, veio devolver ao homem de boa vontade a sua consciência de filho de Deus, creado à sua imagem e semelhança, portanto, perfectível.

O mais recente censo do IBGE aponta para uma comunidade de aproximadamente quatro milhões de espíritas. Muitos começam a se assumir como espíritas só agora. Muitos só agora criam coragem de declarar que são espíritas. Até pouco tempo atrás, frequentavam o Espiritismo mas se declaravam de acordo com a religião em que foram batizados.

O Brasil é o maior país espírita do mundo, e os conceitos básicos do Espiritismo vão se propagando rapidamente. Muitos adeptos de outras religiões acreditam em reencarnação e na possibilidade de comunicação entre encarnados e desencarnados. Conceitos importantes como A Lei de causa e efeito, que muitos chamam de carma, são difundidos entre religiosos de todos os matizes.

Num momento de grande comoção, como o da tragédia de Santa Maria, em que muitos se ressentem da falta de explicações racionais e dignas de credibilidade, é considerável a quantidade de não-espíritas que buscam explicações no Espiritismo.

Há um grande número de pessoas, muitas delas espíritas, que não precisam convencer a si mesmas acerca daquilo que estudam. Pela sua mediunidade, têm provas suficientes da existência e possibilidade de comunicação dos espíritos. Outros, pela prática da projeção consciente, mesmo que não sejam médiuns, têm evidências

de outro plano, que podemos chamar de Plano Astral. Outros, ainda, pela observação de fenômenos incontestáveis, também não precisam de mais provas.

Mas a maior parte dos espíritas crê através da razão. Pelo uso da razão estudam, observam, analisam e concluem. Por melhores que sejam os argumentos, por mais evidentes que sejam os fatos estudados no Espiritismo, essas pessoas precisam de fé. Acreditam pela razão. Mas também pela fé, ou intuição, ou por qualquer modo difícil de ser explicado, como a sensação de já ter nascido sabendo dessas coisas.

O espírito, quando desencarnado, tem uma grande vantagem sobre nós, encarnados. Ele vive a realidade de sua vida espiritual, sem corpo físico, e lembra, conhece, sabe da existência da vida na matéria. Nós, enquanto isso, temos que resistir aos apelos incessantes da matéria em nome de uma certeza que explicamos com conceitos, mas da qual nem sempre temos experiências concretas a nosso favor.

Por causa desse esquecimento do passado, por esse esquecimento de nossa vida de espírito imortal antes do nascimento, muitos contestam a reencarnação. Ou acreditam mas acham a medida injusta. Não aceitam que alguém responda por atos de que não se lembra, não aceitam que alguém colha o que não se recorda de haver plantado. Quando mais de duas centenas de jovens desencarnam em condições tão extraordinárias como na tragédia de Santa Maria, não acreditam ou não querem acreditar que há uma causa para isso. No Universo não há efeito sem causa.

Vimos pessoas desesperadas, revoltadas contra Deus, descrendo de Seu Amor, de Sua Justiça, de Sua Misericórdia. O ensinamento religioso que essas pessoas tiveram não foi suficiente para imbuí-las da convicção na perfeição das Leis de Deus. Não foram ensinadas e, talvez, não tenham se interessado em aprender sobre sua própria natureza espiritual, não tiveram sua curiosidade despertada para esse fenômeno apaixonante e instigante chamado Vida. Não deram a importância devida às coisas do espírito. Não há como compreender nada assim...

Se alguém se inscreve para fazer um concurso público ou vestibular, é preciso preparo, é necessário muito estudo. Sem esse esforço pessoal, no dia da prova não saberá o que fazer, não conhecerá sequer os procedimentos básicos que regem essas competições públicas, muito menos a resolução das questões propostas. Nem todos passam por provas desse tipo. Concurso público e vestibular são escolhas. A morte do corpo físico não é uma escolha. Na verdade, trata-se da única certeza que temos quando reingressamos no Plano Físico através da reencarnação. A única coisa certa é o desencarne. Para conhecer sobre a realidade que nos aguarda, para sabermos lidar

com essa característica do nosso estágio evolutivo, precisamos estudar, necessitamos aprender sobre nós mesmos.

Tenho amigos das mais diversas religiões. Eu mesmo já frequentei muitas delas. Nutro por elas o mais sincero respeito. No entanto, isso não me impede de dizer que, nos dias que se seguiram à tragédia, as explicações dadas pelos líderes religiosos, por mais carinhosas e bem intencionadas, não me consolariam num momento dramático como deve ser a perda de um ente querido em situações trágicas. Não servem nem como consolo, muito menos como esclarecimento.

O discurso comum a todos eles é que teríamos que nos conformar com os desconhecidos desígnios de Deus. Ninguém explica porque um malfeitor segue sua vida de prazeres mundanos e atos criminosos, gozando de boa saúde, enquanto centenas de jovens estudiosos, trabalhadores e corretos findam sua vida aqui na Terra de maneira tão triste e dolorosa.

Sem considerarmos a reencarnação, é impossível compreender essa aparente injustiça. O fato é que não podemos ter lembranças de antes do nascimento, pois nossa memória atual depende do cérebro físico. E o cérebro só pode reter lembranças do que ele registrou aqui. Como o cérebro teria dados anteriores à sua existência?

Mas essa questão do cérebro é apenas consequência, não é causa. A causa é que o esquecimento é medida necessária para o nosso reajustamento com os nossos semelhantes. Não poderíamos viver tranquilamente em família, em sociedade, se soubéssemos quem é quem na gigantesca trama reencarnatória.

O filho amado de hoje pode ter acabado com a sua vida no passado. Seu marido, de aparência simples e amistosa, pode ter sido um déspota cruel que acabou com seus sonhos mais de uma vez. E os inúmeros casos de traições, e assassinatos, e roubos, e coisas muito piores, que não convém nem sequer mencionar? Devemos ser gratos a Deus por não lembrarmos do nosso passado milenar. Que espécie de pessoa já podemos ter sido? Se lembrássemos de todos os erros que já cometemos, milênios afora, não teríamos força e coragem para continuar a caminhada evolutiva. Cada um tem o que merece. E é baseado nesse merecimento que voltamos à matéria.

Foram mais de duzentas vítimas, foram milhares de pessoas, familiares e amigos, atingidos em seus corações. Mas ficaram milhares de pessoas que tiveram suas vidas transformadas para sempre! Milhares de pessoas, fisicamente distantes do fato, que não tinham nenhum vínculo direto com as vítimas e seus familiares, tiveram suas vidas alteradas de maneira irreversível. A emoção e a subsequente reflexão

proporcionada pela dor atingiram as fibras mais recônditas de seus corações, pressionaram-nas a bruscas mudanças de entendimento, comportamento e atitude.

Algum tempo atrás a comoção causada por essa tragédia não teria toda essa amplitude. Temos um novo fenômeno que ainda não foi suficientemente observado e analisado: As redes sociais. Ao contrário dos grandes veículos de comunicação de massa, as redes sociais são seletivas. Pessoas agrupam-se por assuntos. Comunidades e grupos formados na data do acontecimento, em poucos dias atingiam mais de um milhão de pessoas. E a troca de informações, de ideias e opiniões é muito mais íntima e pessoal.

Nós, os espíritos que habitamos este planeta hoje, provavelmente estejamos aqui na Terra desde antes da civilização. Nós fomos os responsáveis pela civilização, por tudo o que se fez, por tudo o que se construiu, por tudo o que se descobriu neste planeta. Estamos aqui há milênios. A cada reencarnação damos um passo na nossa escalada evolutiva, e a Terra nos abriga nesse processo.

Tudo o que há na Terra foi feito por nós. Levamos milênios para chegar aonde chegamos. Há pessoas que não compreendem as incríveis mudanças que estão ocorrendo no mundo. São pessoas bem informadas. Mas informadas pela grande mídia, que não tem coragem de noticiar nada que fuja dos seus interesses.

Quando Allan Kardec começou a codificação espírita, na segunda metade do século XIX, os espíritos anunciaram as grandes transformações que estavam começando. De lá pra cá as mudanças não pararam de acontecer. No tempo de Kardec, o auge da tecnologia era o trem a vapor e o telégrafo. Os modelos familiares eram os mesmos há milhares de anos, as relações de trabalho eram unilaterais, praticamente não existiam leis sociais.

Hoje as redes sociais já fazem parte do cotidiano de milhões e milhões de pessoas, ocupando um espaço cada vez maior. A tecnologia vai fazer com que nos tornemos cada vez mais seletivos. Cada vez mais iremos nos relacionar com os que compartilham de nossas ideias.

O efeito colateral dessa maior disseminação de informações é a rapidez com que curiosidades e suposições apressadas se espalham. Quando foi divulgado pelos meios de comunicação que o motivo das mortes na tragédia de Santa Maria foi asfixia por gás, logo acharam semelhanças entre esse gás e o usado pelos nazistas nas câmaras de gás utilizadas para exterminar judeus, ciganos, homossexuais e deficientes físicos.

Houve quem observasse que a data da tragédia, 27 de Janeiro, é o Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto. Esses dois dados, em meio a outros menos consideráveis, eram ingredientes suficientes para uma resposta apressada quanto às causas da tragédia sob o ponto de vista da Lei de causa e efeito. Não sabemos as causas remotas da tragédia. Talvez nunca saibamos. No entanto, é possível analisar o que algumas obras consagradas do Espiritismo oferecem sobre o tema.

Essa análise pode começar ao lembrarmos explicações dos espíritos para casos semelhantes, através da psicografia insuspeitada de Chico Xavier. Uma das maiores tragédias da História do país foi o incêndio do Edifício Joelma, no centro de São Paulo, no dia 1º de Fevereiro de 1974. Do incêndio que durou quatro intermináveis horas, restaram 181 mortos e 379 feridos.

Dois meses depois era publicado, por Chico Xavier e J. Herculano Pires, o livro “Diálogo dos Vivos”, coletânea de mensagens de vários espíritos. Duas delas, aos capítulos 26 e 27, trazem poesias de Cyro Costa e Cornélio Pires. Nessas poesias os espíritos citados atribuem a causa da desencarnação das vítimas do incêndio no Edifício Joelma a um resgate coletivo de graves comprometimentos contraídos na época das Cruzadas. A morte pelo fogo foi a maneira que esses espíritos encontraram de se libertarem dos crimes praticados tantos séculos atrás.

J. Herculano Pires lembra que, nas perseguições promovidas nas Cruzadas, “o fogo era largamente usado. Mouros e judeus eram levados aos edifícios mais altos e obrigados a saltar para se espatifarem no solo. Encurralavam-se prisioneiros em prédios altos, que eram incendiados para que eles morressem nas chamas. Como vemos, crimes tão hediondos só poderiam provocar resgates a longo prazo.”

De acordo com essa ponderação de J. Herculano Pires, de que “crimes tão hediondos só poderiam provocar resgates a longo prazo”, descartaríamos a possibilidade de que a tragédia de Santa Maria seja um resgate coletivo de espíritos que em sua reencarnação anterior tenham sido nazistas. Seria preciso, na perspectiva de Herculano, um longo prazo para que os espíritos comprometidos com o nazismo tivessem condições de serem reunidos para resgatar falhas cometidas no passado.

No entanto a explicação mais satisfatória para um caso como a tragédia de Santa Maria é o resgate coletivo. Este conceito, como vimos no caso do incêndio do Edifício Joelma, se refere a uma tentativa de rearmonização, a uma correção de rumo por parte de um grupo de Espíritos que cometeu atos semelhantes no passado remoto, provavelmente em conjunto. Esse grupo de espíritos, por haverem

descumprido a Lei de Deus, por haverem desarmonizado o universo, sente a necessidade íntima de um reajuste. Assim que seus integrantes percebem, reconhecem e se arrependem de seus erros, precisam buscar a sua rearmonização, para que suas consciências se tranquilizem. Esse resgate envolve um imenso trabalho de planejamento por parte de espíritos mais elevados que nós, para que haja um reajuste em conjunto.

Talvez o “longo prazo” a que se refere J. Herculano Pires comporte exceções. A Segunda Guerra Mundial terminou em 1945, e muitos dos seus combatentes desencarnaram muito depois disso. Mas é perfeitamente possível que um grupo de espíritos desencarnados no decorrer da Guerra, ou pouco depois de seu término, se tenha arrependido antes do desencarne ou imediatamente após o desencarne.

O nazismo foi uma “febre” que infestou não só a maioria dos alemães como também contou com simpatizantes em várias partes do mundo, inclusive no Brasil. Muitas pessoas foram ludibriadas pela imagem forte de líder carismático de Hitler. Na Alemanha ele foi considerado, nos primeiros tempos, como um verdadeiro Salvador. Sanou as finanças, desenvolveu a Economia e recuperou o orgulho do povo, duramente humilhado ao final da Primeira Guerra, em 1918. Muitos jovens o seguiram completamente iludidos, e grande parte deles só percebeu o que de fato estava acontecendo quando já era tarde demais para voltar atrás. Um militar alemão que se negasse a cumprir qualquer determinação superior estaria assinando sua própria sentença de morte. Analisando assim, acho que muitos partidários do nazismo, ao desencarnarem, já estavam profundamente arrependidos e ansiando por qualquer medida que lhes devolvesse a paz de espírito e o amor e respeito por si mesmos. Não seria impossível, para a Espiritualidade Superior, promover a reencarnação de modo que seus erros passados fossem resgatados em grupo.

Ainda nesta obra, “Diálogo dos Vivos”, logo adiante Herculano pondera acerca das vítimas do incêndio:

**A ocorrência não se torna menos dolorosa, mas a consolação é levada a muitos corações desesperados. Saber que os entes queridos não pereceram ao acaso nem desapareceram nas cinzas, mas foram socorridos por amigos espirituais e estão a caminho de recuperação nos planos superiores da vida, é aliviar o coração e desafogar a alma. Muitos perguntarão: E as provas de tudo isso? E quantos, ao fazer a pergunta, já obtiveram a resposta pela intuição da realidade que trazem em si mesmos, nas profundezas misteriosas da consciência.**

Noutro livro dos mesmos autores, “Chico Xavier pede licença”, publicado dois anos antes, o Espírito Emmanuel fala de desencarnações coletivas, respondendo à pergunta formulada por dezenas de pessoas em reunião pública, na noite de 23 de Fevereiro de 1972, em Uberaba, Minas Gerais:

**- Sendo Deus a Bondade Infinita, por que permite a morte aflitiva de tantas pessoas enclausuradas e indefesas, como nos casos dos grandes incêndios?**

**- Realmente reconhecemos em Deus o Perfeito Amor aliado à Justiça Perfeita. E o Homem, filho de Deus, crescendo em amor, traz consigo a Justiça imanente, convertendo-se, em razão disso, em qualquer situação, no mais severo julgador de si próprio.**

**Quando retornamos da Terra para o Mundo Espiritual, conscientizados nas responsabilidades próprias, operamos o levantamento dos nossos débitos passados e rogamos os meios precisos a fim de resgatá-los devidamente. É assim que, muitas vezes, renascemos no Planeta em grupos compromissados para a redenção múltipla.**

**Invasores ilaqueados\* pela própria ambição, que esmagávamos coletividades na volúpia do saque, tornamos à Terra com encargos diferentes, mas em regime de encontros marcado para a desencarnação conjunta em acidentes públicos.**

**Exploradores da comunidade, quando lhe exauríamos as forças em proveito pessoal, pedimos a volta ao corpo denso para facearmos unidos o ápice de epidemias arrasadoras.**

**Promotores de guerras manejadas para assalto e crueldade pela megalomania do ouro e do poder, em nos fortalecendo para a regeneração, pleiteamos o Plano Físico a fim de sofrermos a morte de partilha, aparentemente imerecida, em acontecimentos de sangue e lágrimas.**

**Corsários que ateávamos fogo a embarcações e cidades na conquista de presas fáceis, em nos observando no Além com os problemas da culpa, solicitamos o retorno à Terra para a desencarnação coletiva em dolorosos incêndios, inexplicáveis sem a reencarnação.**

**Criamos a culpa e nós mesmos engenhamos os processos destinados a extinguir-lhe as conseqüências. E a Sabedoria Divina se vale dos nossos esforços e tarefas de resgate e reajuste a fim de induzir-nos a estudos e progressos sempre mais amplos no que diga respeito à nossa própria segurança. É por este motivo que, de todas as calamidades terrestres, o Homem se retira com mais**

---

\* Nota do Autor: Ilaqueado quer dizer enganado.

**experiência e mais luz no cérebro e no coração, para defender-se e valorizar a vida.**

**Lamentemos, sem desespero, quantos se fizeram vítimas de desastres que nos confrangem a alma. A dor de todos eles é a nossa dor. Os problemas com que se defrontaram são igualmente nossos. Não nos esqueçamos, porém, de que nunca estamos sem a presença da Misericórdia Divina junto às ocorrências da Divina Justiça, que o sofrimento é invariavelmente reduzido ao mínimo para cada um de nós, que tudo se renova para o bem de todos e que Deus nos concede sempre o melhor.**

A tragédia de Santa Maria conquistou o triste título de segundo incêndio mais mortal e quinta pior tragédia da História no Brasil. Só não superou o incêndio de Niterói, ocorrido no dia 17 de Dezembro de 1961. Na ocasião, o fogo destruiu o Gran-Circo Americano. De cada dez pessoas, sete eram crianças. Foram mais de 500 mortos.

Cinco anos depois, era publicado o livro “Cartas e Crônicas”, pelo espírito Humberto de Campos, também chamado Irmão X, psicografado pelo Chico Xavier. O capítulo VI, chamado “Tragédia no circo”, conta que as vítimas dessa tragédia eram os mesmos espíritos que no ano de 1777 queimaram aproximadamente mil mulheres e crianças cristãs numa arena de circo na Gália, onde hoje é a França. O resgate coletivo foi o modo desses espíritos se reajustarem com a Lei de causa e efeito.

No ano 1777 os cristãos eram duramente perseguidos. Homens, mulheres, crianças e velhos, todos eram presos, torturados e condenados à morte. Havia cada vez mais prisões para abrigar os cristãos, e um grande circo foi improvisado para que a população pudesse assistir aos cristãos serem devorados pelas feras. Isso era uma diversão para o povo, semelhante a um clássico do futebol nos dias de hoje.

As feras estavam cansadas de tanto massacrarem os cristãos com suas mandíbulas sangrentas. Por isso, inventavam outras maneiras de supliciar os cristãos. Abusavam de mulheres e meninas ainda crianças, e depois cortavam suas cabeças. Chicoteavam os velhos até à morte, vendiam os meninos como escravos. Mais de vinte mil cristãos já haviam sido mortos.

Por ocasião da visita de um importante militar à cidade, as autoridades planejavam algo de muito divertido para agradá-lo. Haveria lutas de gladiadores e as mais sensuais dançarinas. Alguém deu a ideia de lançarem mais cristãos às feras, mas isso já não era novidade, além disso, os leões já estavam cansados de tanto massacre.

Decidiram, então, perseguir e prender mil mulheres e crianças cristãs. No dia seguinte, como homenagem especial ao militar visitante, juntariam todos os cristãos na arena do circo, molhados de resinas inflamáveis para queimá-los mais facilmente. Os que conseguissem escapar, seriam esmagados pelos cavalos assustados. Centenas de pessoas se dispuseram a ajudar, capturando mulheres e crianças. Passaram a noite inteira numa busca cruel, invadindo casas e arrastando-os à força. No dia seguinte, filas e mais filas de mulheres e criancinhas, chorando e gritando, foram queimadas vivas ou despedaçadas pelos cavalos.

**Quase dezoito séculos passaram sobre o tenebroso acontecimento... Entretanto, a justiça da Lei, através da reencarnação, reaproximou todos os responsáveis, que, em diversas posições de idade física, se reuniram de novo para dolorosa expiação, a 17 de dezembro de 1961, na cidade brasileira de Niterói, em comovedora tragédia num circo.**

Sempre que contrariamos as Leis de Deus, somos impelidos, mais cedo ou mais tarde, a corrigir o rumo que traçamos, a rearmonizarmos o universo desarmonizado por nós. O resgate dessas falhas no caminho pode se dar individualmente ou em grupo. É a maneira que temos de retomar nossa caminhada, nosso progresso. A questão 740 do Livro dos Espíritos, tratando dos flagelos destruidores, nos diz que essas provas “proporcionam ao homem a ocasião de exercitar a inteligência, de mostrar sua paciência e sua resignação ante a vontade de Deus, ao mesmo tempo em que lhe permitem desenvolver os sentimentos de abnegação, de desinteresse próprio e de amor ao próximo”.

Assim que a tragédia de Santa Maria ganhou os noticiários e se espalhou pelas redes sociais ficou evidente o poder que um acontecimento como esse tem de despertar o sentimento de solidariedade e amor.

Àqueles que são diretamente afetados pela tragédia, pelos laços de amor que os unem aos que desencarnaram, o Evangelho segundo o Espiritismo traz um importante ensinamento. No Cap. XIV, § 10º, vemos que “as provas rudes são quase sempre indício do fim de um sofrimento e de aperfeiçoamento do Espírito, quando aceitas com o pensamento em Deus. É um momento supremo, no qual, sobretudo, cumpre ao Espírito não falir murmurando se não quiser perder o fruto de tais provas e recomeçar”.

Na questão 737 do Livro dos Espíritos, que explana acerca dos flagelos destruidores, ou seja, das catástrofes e tragédias, nos é explicado que essas desgraças fazem com que a humanidade progrida mais rapidamente. Aprendemos em alguns anos o que em condições normais levaríamos séculos para aprender.

Allan Kardec complementa o ensinamento dos espíritos asseverando que, seja qual for a causa da morte física, não se pode escapar quando a hora é chegada. A única diferença em relação aos casos individuais é que mais pessoas são atingidas ao mesmo tempo.

Caso emblemático dessa assertiva de Kardec é o que aconteceu com a jovem Jéssica. Jéssica foi uma das organizadoras da festa na Boate Kiss. Mesmo tendo ajudado a organizar a festa, ela não foi à mesma a pedido do namorado, Adriano. Uma semana depois ambos desencarnaram em acidente de trânsito.

O que mais ouvimos em relação a fatos como esse é que se trata de uma “fatalidade”. O Livro dos Espíritos se refere à fatalidade nas questões 851 a 867. Na questão 851 está escrito que “a fatalidade existe unicamente pela escolha que o Espírito fez, ao encarnar, desta ou daquela prova para sofrer. Escolhendo-a, instituiu para si uma espécie de destino, que é consequência mesma da posição em que vem a achar-se colocado”.

Mais adiante, a questão 853 esclarece que “fatal, no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte o é. Chegado esse momento, de uma forma ou doutra, a ele não podeis furtar-vos”. A questão seguinte, 853a explica: “Quando, porém, soe a hora da tua partida, nada poderá impedir que partas. Deus sabe de antemão de que gênero será a morte do homem e muitas vezes o seu Espírito também o sabe, por lhe ter sido isso revelado, quando escolheu tal ou qual existência”.

Devemos lembrar só que os acontecimentos importantes e capazes de influenciar em nossa evolução moral são previstos por Deus, porque são úteis à nossa purificação e à nossa instrução. Para isso temos o livre-arbítrio. A fatalidade abrange apenas pontos fundamentais de nossa passagem pela matéria e, mesmo assim, existe apenas como algo temporário, enquanto durar nossa rearmonização com o universo.

Em Obras Póstumas, no capítulo Questões e problemas - As expiações coletivas, encontramos a seguinte elucidação:

**Questão - O Espiritismo explica perfeitamente a causa dos sofrimentos individuais, como consequências imediatas das faltas cometidas na existência precedente, ou como expiação do passado; mas, uma vez que cada um só é responsável pelas suas próprias faltas, não se explicam satisfatoriamente as desgraças coletivas que atingem as aglomerações de indivíduos, às vezes, uma família inteira, toda uma cidade, toda uma nação, toda uma raça, e que se abatem tanto sobre os bons, como sobre os maus, assim sobre os inocentes, como sobre os culpados.**

**Resposta - Todas as leis que regem o Universo, sejam físicas ou morais, materiais ou intelectuais, foram descobertas, estudadas, compreendidas, partindo-se do estudo da individualidade e do estudo da família para o de todo o conjunto, generalizando-as gradualmente e comprovando-se-lhes a universalidade dos resultados. Outro tanto se verifica hoje com relação às leis que o estudo do Espiritismo dá a conhecer. Podem aplicar-se, sem medo de errar, as leis que regem o indivíduo à família, à nação, às raças, ao conjunto dos habitantes dos mundos, os quais formam individualidades coletivas. Há as faltas do indivíduo, as da família, as da nação; e cada uma, qualquer que seja o seu caráter, se expia em virtude da mesma lei. O algoz, relativamente à sua vítima, quer indo a encontrar-se em sua presença no espaço, quer vivendo em contato com ela numa ou em muitas existências sucessivas, até à reparação do mal praticado. O mesmo sucede quando se trata de crimes cometidos solidariamente por um certo número de pessoas. As expiações também são solidárias o que não suprime a expiação simultânea das faltas individuais.**

O livro *Ação e Reação*, em seu capítulo XVIII, nos traz um caso estudado por André Luiz. Trata-se de um acidente de avião em que ele tem a oportunidade de acompanhar a equipe de socorro. Uma das primeiras lições do capítulo é que o socorro é distribuído indistintamente, mas, mesmo que o desastre seja o mesmo para todas as vítimas, a morte é diferente para cada um. André Luiz é esclarecido, pelo instrutor Druso, de que nenhuma das vítimas permanece sem assistência, mas a compreensão e consequente aceitação do socorro dependem do grau de influência material que cada um carregue consigo. André Luiz pede ao instrutor maiores detalhes sobre as causas que determinam tragédias desse tipo. Druso dissuade André Luiz dessa curiosidade por considerar que a população encarnada não estaria preparada para reconhecer nas vítimas atuais os mesmos criminosos do passado, acrescentando que muitos deles, graças aos seus recursos morais adquiridos, puderam escolher o gênero de prova para efetuar o seu resgate.

Essa atitude de Druso se aplica à tragédia de Santa Maria. Num primeiro momento, em que a emoção prevalece sobre a razão, quaisquer esclarecimentos mais

específicos sobre as causas do acidente teriam o inconveniente de se depararem com o despreparo de muitas pessoas próximas às vítimas. Quem não conhece o Espiritismo pode achar nos mecanismos da Lei uma falta de respeito para com as suas dores.

Um dos princípios basilares do Espiritismo é a Lei de causa e efeito. Todos os espíritos, encarnados ou desencarnados, estão sujeitos a essa Lei cósmica. Pela Lei de causa e efeito colhemos o que plantamos. A sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória. Toda ação que praticamos provoca uma reação que se manifesta mais cedo ou mais tarde. Por essa lei toda a sementeira que se faz terá a colheita obrigatória. Ninguém escapa às consequências de seus atos. É da própria lógica do universo, é da física.

O Princípio de Newton ou Lei de ação e reação diz mais ou menos o seguinte: “Uma força não pode exercer uma ação sem, no mesmo instante, gerar uma reação igual e diretamente oposta”. Ou seja, toda causa gera um efeito correspondente. Jogue uma bola contra a parede e ela voltará contra você, com a mesma força.

A Lei de causa e efeito nos demonstra que sempre há um motivo lógico e coerente para o que nos acontece na vida. Essa lei não é invenção do Espiritismo, é Lei cósmica conhecida há milênios. Foi chamada de carma entre os hindus e budistas. A Lei de causa e efeito não pode ser confundida com determinismo. Não existe determinismo no que concerne ao Espírito Imortal. O espírito tem vontade e relativa liberdade de ação, ou seja, livre-arbítrio. Não há um determinismo mecanicista ou fatalista no que se relaciona a nós, espíritos. Não existe determinismo, diferentemente do que afirma o pensamento materialista clássico segundo o qual todos os acontecimentos, até as vontades e escolhas humanas, são causados por acontecimentos anteriores.

É preciso saber diferenciar a Lei de causa e efeito e o determinismo. Pela Lei da causa e efeito, você sempre colhe o que você plantou. Mas você pode influenciar permanentemente na colheita de seus atos. Pelo determinismo, tudo já está escrito, o seu destino já está traçado. Pela Lei de causa e efeito, embora você deva sofrer as consequências de seus atos, você pode interferir nessas consequências de acordo com a sua Vontade.”

O trabalho realizado no Bem tem o poder de alterar o carma, amenizando ou desfazendo provações futuras. Como disse Pedro, na sua primeira epístola, “O amor cobre uma multidão de pecados”. O amor, o bem que se pratica, o esforço sincero no próprio melhoramento, acelera e suaviza os débitos que temos que quitar com nossa consciência.

Um exemplo que ilustra bem essa afirmação de Pedro é a história de Saturnino Pereira, descrita no livro *A Vida Escreve*, psicografada por F. C. Xavier e Waldo Vieira:

Saturnino Pereira era conhecido por todos como um homem bom, solícito, trabalhador e caridoso. Correto em todos os aspectos. Por isso todos se espantaram quando o viram com a mão sangrando muito, acidentada na máquina em que exercia o seu trabalho. Seus colegas logo se apressaram a levá-lo para o hospital. Pela gravidade do ferimento, foi um alívio quando o cirurgião revelou que ele perderia apenas o polegar.

Embora isso representasse um conforto, já que num primeiro momento se cogitou que ele pudesse perder parte do braço direito, seus colegas e amigos lamentavam a aparente injustiça da Vida. Logo Saturnino, um homem tão bom, correto, caridoso, espírita dedicado, enquanto outros cheios de defeitos e maldades saíam ilesos até de acidentes de avião.

Saturnino, apesar de agradecido pelos cuidados e carinhos de todos, estava triste, abatido. À noite, quando em companhia da esposa foi à reunião espírita habitual, ouviu do orientador espiritual a explicação para aquele acidente.

Depois de aconselhar Saturnino a não se entregar à tristeza inútil, o orientador esclareceu que todas as dores que nos chegam como cumprimento da Lei de causa e efeito são amenizadas quando as aceitamos sem queixas e permanecemos firmes em nossos bons propósitos. Revelou a Saturnino que ele mesmo havia escolhido essa prova.

Oitenta anos antes, Saturnino havia sido um rico fazendeiro. Um dia, quando um empregado que estava doente não obedeceu às suas ordens, o fazendeiro triturou o braço do empregado no engenho de cana. Depois de desencarnar, o fazendeiro ficou permanentemente com aquela imagem terrível em sua mente. A imagem do sangue do empregado escorrendo junto com o caldo de cana, ouvindo incessantemente os gritos desesperados de dor do pobre empregado.

Foi o próprio fazendeiro quem implorou, com todas as suas forças, por uma nova oportunidade em que pudesse desenvolver a humildade através do trabalho simples em que, por sua vez, perderia o próprio braço. No entanto, desde muito jovem, Saturnino, o ex-fazendeiro, se dedicou a fazer o bem, a aliviar o sofrimento do próximo, sempre levando vida digna e construtiva. Por isso a pena que impôs a si mesmo foi aliviada, e com isso ele deveria se sentir grato. Saturnino quitava o débito

que tinha com a sua própria consciência com amor, e não com revolta. Ao perceber isso, Saturnino deu graças a Deus por seu acidente e prosseguiu sua vida com ânimo renovado.

No caso de quem escolhe a forma da morte, não há como escapar a ela. O grande diferencial entre uns e outros é a maneira como o espírito se percebe logo após o desencarne. A aceitação do fato pode fazer toda a diferença. Se levarmos em consideração as características em que se deu a tragédia de Santa Maria, podemos acreditar que as chances de aceitação da nova realidade por parte das vítimas são grandes. A tragédia se deu numa festa, num ambiente de alegria entre amigos. Embora não possamos avaliar o pânico instalado pelo fogo, as informações nos dão conta de que tudo ocorreu em torno de quatro minutos. Sabemos que grandes equipes espirituais socorristas já estavam a postos.

Tudo nos leva a crer que o entendimento e a aceitação do socorro disponibilizado por parte dos desencarnados no evento tenha ocorrido de maneira muito positiva. Vemos, assim, que se não é possível escapar à morte previamente escolhida, as circunstâncias da morte podem ser atenuadas, a ocasião pode favorecer um desenlace mais fácil. Por mais que seja doloroso comparar elementos trágicos, é notório que há uma enorme diferença entre um desencarne rápido num momento de grande confusão após a alegria de uma festa, e um desencarne que ocorre após horas de terror como num sequestro.

Em momentos dolorosos como esse, muitas pessoas se revoltam contra Deus por não compreenderem que somos nós, graças à nossa liberdade de ação, que construímos o nosso próprio destino. Mesmo entre espíritas há quem imagine que devíamos ser alertados pelos bons espíritos quando nos vimos na iminência de um grave perigo. Muitas pessoas têm pressentimentos, estranhas sensações que não sabem explicar. Se perguntássemos às vítimas do acidente, certamente obteríamos muitas informações neste sentido. Muitos pressentiram que algo de diferente estava para acontecer.

Na Revista Espírita de Março de 1858, sob o título “A fatalidade e os pressentimentos”, o Espírito São Luís respondeu à pergunta remetida por um homem que havia escapado de um acidente. Quando este homem fazia a travessia de um rio, de barco, houve um violento temporal. Quatro tripulantes morreram e quatro escaparam com vida.

Este homem conta que já havia escapado de situações de grave perigo várias vezes, e não entendia o porquê. Também estranhava o fato de que, no referido barco,

havia duas pessoas religiosas de grande virtude, que morreram no acidente. Foram feitas algumas perguntas a São Luís, resumidas a seguir:

- Quando alguém corre perigo, esse perigo é causado por um espírito? Um espírito pode evitar esse perigo?

- Quando um espírito reencarna, escolhe a sua prova. Por ser sua escolha, estará submetido a ela. Graças ao seu livre-arbítrio, ele pode, durante a vida, suportar essa prova até o fim ou desistir dela. A influência dos espíritos, como em todos os casos, só se dá através do pensamento. Um espírito pode ajudá-lo a manter firmes os seus propósitos, ou pode inspirar-lhe medo para que ele fraqueje. A influência dos espíritos ocorre apenas em relação ao pensamento. Um espírito não pode provocar um acidente ou evitar um acidente. Um acidente pode ter sido escolhido pelo espírito reencarnante como prova, sem que essa prova seja a morte. Ao escapar do acidente, pode tomar a decisão de melhorar-se ou pode simplesmente achar que poderá escapar de outros perigos que surgirem pela frente. São Luís afirma que quanto mais duras forem as provas que escolhermos, mais nos elevaremos se as suportarmos bem. Quando estamos próximos de um grande perigo, podemos ser advertidos por nossos próprios instintos, que agem como uma voz interna a nos alertar do que nos espera. Isso se dá pelo fato de nós mesmos termos escolhido esses perigos. Instintivamente os pressentimos. Guardamos em nosso íntimo os principais acontecimentos que nos esperam em todas as fases da vida. Quando esses acontecimentos são muito especiais, nossos instintos são de alguma forma despertados com a sua aproximação, e então os pressentimos.

Não resta dúvida de que acontecimentos desse porte, em que tantas pessoas são atingidas, são planejados com antecedência e acompanhados de perto pela espiritualidade. É um imenso e complexo trabalho por parte dos espíritos mais elevados que nós para que todas as circunstâncias se encaixem. Há um elaborado processo de logística a exigir a colaboração de muitos espíritos a fim de reunir as ferramentas necessárias de tempo, espaço e condições para a preparação e o desfecho do planejamento.

Na Revista Espírita de Julho de 1859, sob o título “Conversas familiares de além-túmulo”, foram interrogados os espíritos de um soldado e de um oficial superior que haviam desencarnado recentemente durante a guerra.

Perguntado se havia espíritos desencarnados há muito tempo que se interessavam pela batalha em que ele morreu, o soldado responde que esses combates e suas consequências são preparados com grande antecedência. Espíritos se

interessavam pelos dois adversários, exercendo considerável influência sobre os soldados combatentes. O espírito do soldado esclarece que essa influência, como qualquer outra que venha dos espíritos, só acontece pelo pensamento. Não haveria a possibilidade de um espírito salvar um companheiro, afastando dele um golpe fatal. Acrescenta que isso não está em poder dos espíritos, pois “a hora da morte é marcada por Deus; se deve passar por ela, nada pode impedi-la; como nada pode atingi-lo se a aposentadoria não soou para ele”.

Quando perguntam ao oficial superior se, como espírito, ele poderia exercer influência sobre as disposições estratégicas da guerra, ele responde que sim, e que agiam sobre os inimigos inspirando medo a fim de os desmoralizarem. Allan Kardec complementa a resposta do oficial com a seguinte afirmação: “Esta intervenção dos Espíritos nos acontecimentos não é equivocada; eles preparam os caminhos para o cumprimento dos desígnios da Providência. Os Antigos teriam dito que isso foi a ‘obra dos deuses’, nós dizemos que foi a dos Espíritos por ordem de Deus”.

É fácil perceber que não é Deus que provoca essas tragédias como a de Santa Maria. Deus não interfere em nossos destinos. Nós construímos nossos destinos todos os dias. Achar que Deus interfere diretamente em nossas vidas seria fazer de Deus uma ideia pequena e demasiadamente humana. Deus se manifesta através de Suas Leis, e essas Leis são perfeitas.

O que ocasiona as tragédias coletivas é a atração que as consciências manchadas pela culpa exercem umas sobre as outras. Os espíritos ligados por determinados eventos marcantes em suas trajetórias milenares se atraem para determinadas possibilidades. Atraem-se por estarem ligados uns aos outros pela mesma sintonia que os prende ao passado. Só se libertam desse passado aceitando o processo de autocura oferecido pela reencarnação, em que se propõe a quitar suas dívidas consigo mesmos. A maneira de zerar esse saldo consciencial negativo é se submetendo a provas.

Somos todos ainda muito imperfeitos. Nem os mais simples ensinamentos de Jesus nós conseguimos entender e praticar. A Regra de Ouro do ensinamento de Jesus deve ser esta: “fazer ao próximo o que gostaríamos que nos fizessem”.

Movido por esta máxima é que reuni material de estudo e realizei este trabalho. Eu, nos momentos de maior dificuldade, sempre procurei o esclarecimento. Se isso é o melhor pra mim, e se devo fazer ao próximo o que gostaria que fizessem a mim, que neste caso seria me oferecer material de estudo e reflexão, devo acreditar que estou agindo certo.